

EXPRESSÕES ANAFÓRICAS ENCAPSULADORAS COMO MECANISMOS DE INTEGRAÇÃO SEMÂNTICA E ARGUMENTAÇÃO

Ana Paula Lima de Carvalho¹ (UFPI)

professoraanapaula_phb@hotmail.com

1 Introdução

Estudar os processos de referenciação apresenta-se como uma tarefa interessante, uma vez que impele a mobilização tanto de conhecimentos linguísticos quanto de conhecimentos perceptivo-cognitivos. Nessa perspectiva, este artigo propõe a análise das ocorrências de anáforas encapsuladoras nas produções argumentativas de alunos do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino, finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, a fim de verificar o papel desse tipo de anáfora na organização do texto e a potencialidade argumentativa promovida pelo encapsulamento de porções textuais. Como esteio teórico dos Estudos de Referenciação, utilizamos os trabalhos de Cavalcante (2003), Mondada & Dubois (2003), Conte (2003), além de outros autores como Koch (1998 e 2002) e Marcuschi (2000).

O trabalho foi norteado pelos seguintes questionamentos: Como o encapsulamento anafórico se configura como recurso de integração semântica, bem como um mecanismo de manifestação axiológica no discurso argumentativo? Como as porções textuais retomadas apresentam-se recobertas de novidade por força dos encapsulamentos? Refletimos, então, sobre como o nome-núcleo anaforizante, bem como seus determinantes e modificadores operam para definir o objeto de discurso e impregná-lo de valores e impressões.

Trata-se de um estudo de natureza descritivo-exploratória, com abordagem qualitativa, considerando-se que proporciona maiores informações sobre o tema investigado e analisa exemplos a fim de ampliar a compreensão (PRODANOV e FREITAS, 2009, p. 68). A fim de refletir sobre como o encapsulamentos anafóricos se relacionam com a organização textual e a argumentação nos textos de alunos do Ensino Médio, selecionamos e transcrevemos trechos em que ocorrem essas expressões referenciais, sobretudo os encapsulamentos formados por sintagmas nominais e dêiticos, acreditando que o processo de referenciação configura-se estrategicamente por força dos propósitos comunicativos. As porções textuais fazem parte de artigos de opinião finalistas da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* de 2010, ano em que ocorreu a ampliação do Programa, a fim de envolver alunos de 5º a 9º anos do Ensino Fundamental e 1º a 3º ano do Ensino Médio. Esse concurso é promovido pelo Ministério da Educação e congrega alunos das Escolas Públicas de todo o território nacional. Participam da categoria artigo de opinião os alunos de 2º e 3º anos do Ensino Médio. Para as produções em torno do tema “O lugar onde vivo”, os alunos foram levados a observar seu município, identificar uma questão polêmica e relevante, conhecer o que já foi dito a respeito e posicionar-se, propondo possíveis caminhos.

A coletânea² comporta 39 textos finalistas produzidos por alunos de todo o Brasil, todos identificados. Entretanto, para os fins deste trabalho, selecionamos apenas alguns trechos das produções em que ocorre o fenômeno que constitui o objeto deste estudo, uma vez que um grande número de ocorrências tornaria o trabalho desnecessariamente exaustivo e

¹ Aluna do Mestrado Acadêmico em Linguística.

² Todos os textos dos finalistas encontram-se disponíveis no link

<http://www.escrevendo.cenpec.org.br/images/stories/publico/noticias/20101201opiniaio.pdf>

redundante. Cada ocorrência de encapsulamento aparece identificada por numeração românica, enquanto os textos aparecem identificados por numeração arábica, indicando a ordem em que aparecem no sumário da publicação. Inicialmente, apresenta-se um percurso do estudo acerca da referência e das expressões referenciais e, em seguida, a aplicação dos procedimentos propostos para análise das ocorrências dos encapsulamentos anafóricos e suas características, bem como nossas considerações finais.

2 O percurso da referência

Já na Antiguidade, constituía-se objeto de reflexão dos filósofos a inquietante relação entre a linguagem e a realidade. Desde então, compreender essa ligação é uma tarefa que tem sido posta aos estudiosos e para a qual têm sido elaborados quadros conceituais diversos, alterados ao longo dos tempos, na medida em que também se alteraram as considerações acerca do homem e de sua inserção em contextos sócio históricos específicos.

É possível retomar, inicialmente, o arcabouço teórico estruturalista de inspiração saussureana, segundo o qual as questões de linguagem eram entendidas na relação signo/referência. As análises empreendidas limitavam-se ao espaço intrassistêmico, desconsiderando os aspectos extralinguísticos e, por isso mesmo, acabaram não dando conta da referência. Posteriormente, privilegiou-se, na perspectiva lógico-semântica, a relação sentença/referência. Essa abordagem relacionava a linguagem à realidade a partir da proposição. A referência estaria, então, relacionada à descrição de um estado de coisa e, necessariamente, sujeita a uma verificação no mundo real para que se legitimasse como verdade. Até aqui, conforme destacam Mondada e Dubois (2003, p. 18), embora tratando da questão por perspectivas diferentes, os quadros conceituais, em sua maioria, pressupunham ou visavam a uma correspondência entre as palavras e as coisas, ou seja, trabalhavam sob a concepção especular da realidade, uma representação das coisas pela língua.

Registrou-se, ainda, a chamada virada pragmática, que alterou o foco das análises da referência para os usos da língua. Mais recentemente, tem-se superado a noção da referência *em e por* si mesma. Emergiu, portanto, uma visão não referencial da língua e da linguagem. Nessa perspectiva, o que se entendia por referir, isto é, ‘designar’, nomear o mundo, passou a ser entendido como o processo mútuo que se dá entre as línguas e as práticas sociais, realizado através da atividade colaborativa entre os parceiros da interação, que constroem seus referentes *no e pelo* discurso, como explicam Mondada e Dubois (2003). Tem-se, portanto, que a construção dos objetos cognitivos e discursivos ocorre “na intersubjetividade das negociações, das modificações das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

Graças a essa compreensão sociocognitiva, efetivou-se a substituição da noção de referência pela de referenciação (entendida como processo), bem como a de referentes pela de objetos de discurso, os quais “emergem do uso da língua nas práticas sociais” (CAVALCANTE, 2005, p. 125). Isso equivale a dizer que a construção dessas entidades discursivas não se processa simplesmente pela introdução de unidades discretas e estáveis no texto, mas sim por meio do trabalho sobre as possibilidades de dizer. Nas palavras de Mondada e Dubois (2003, p. 20), “o problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão sentido ao mundo”. A referenciação, portanto, constitui-se uma atividade discursiva. Isso significa, nos termos de Koch (2002, p.79), que “a realidade é construída, mantida e alterada não somente

pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele”.

3 Expressões referenciais

Qualquer processo de produção linguística pressupõe, em seu desenvolvimento, a construção de objetos de discurso. Nas atividades de escrita ou de fala, esse processo, denominado *referenciação*, diz respeito às diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades. Quando tais referentes são retomados posteriormente ou servem de base para a introdução de outros novos, tem-se o que se denomina progressão referencial.

Seguindo a proposta elaborada por Cavalcante (2003), as expressões referenciais constituem as formas de designar os referentes, as quais orientam sua identificação e interpretação. A autora propõe a organização dessas expressões em dois grandes blocos, quais sejam: (i) as que introduzem novos referentes no âmbito do discurso sem promoverem nenhum tipo de continuidade referencial; e (ii) as que realizam a continuidade referencial de objetos presentes no universo discursivo, ou porque foram explicitamente evocados ou porque são dali inferíveis.

Interessa-nos, neste trabalho, o segundo grupo, mais especificamente a análise das expressões que costumam ser enquadradas como tipo de anáforas indiretas, por partilharem com elas o traço de não-correferencialidade e de introdução de um referente novo no discurso. Entretanto, nossa posição, apoiada no que propõe Cavalcante, é que tais anáforas, chamadas de *encapsuladoras*, “se situam numa zona fronteira, que faz a interseção entre as anáforas diretas e as indiretas” (CAVALCANTE, 2003). Esse mecanismo pode operar tanto na progressão referencial, quanto contribuir para a tessitura da argumentação.

3.1 O caso das anáforas indiretas

Em linhas gerais, as anáforas indiretas são tratadas na literatura como tendo duas características fundamentais: (i) a não-correferencialidade e (ii) a introdução de um referente novo sob o modo do conhecido. De modo mais ampliado, tem-se que a anáfora indireta é

geralmente constituída por expressões nominais definidas ou pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto. Trata-se de uma estratégia endofórica de **ativação** de referentes novos e não de uma **reativação** de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita. (MARCUSCHI, 2000, p.1)

Nos termos de Cavalcante (2003), são, assim, continuidades referenciais sem retomada, apenas com remissão a uma âncora no co(n)texto. Isso significa que, nos casos de referenciação indireta, as pistas textuais (os elementos de relação de sentido entre o referente e a anáfora) deverão possibilitar ao coenunciador estabelecer suas inferências.

3.2 Anáfora encapsuladora

Encapsular, nas palavras de Cavalcante (2003, p. 17), consiste em resumir proposições do discurso, empacotando-as numa expressão referencial, que pode ser um sintagma nominal ou um pronome, geralmente demonstrativo. As anáforas encapsuladoras resumem uma porção textual precedente e, simultaneamente, indicam ao coenunciador como se espera que o conteúdo resumido seja interpretado. Não existe, porém, remissão a um antecedente pontual, razão pela qual poderiam ser classificadas como anáforas indiretas. Por

outro lado, admite-se que, assim como uma anáfora direta, ou seja, com remissão a um dado referente reconhecível, os encapsuladores recuperam (sem retomar) o que há no co(n)texto.

A autora postula também que se incluam entre as anáforas encapsuladoras os casos tratados na literatura como *dêiticos discursivos*, isto é, como elementos que apresentam, simultaneamente, três características: (a) o encapsulamento, pelo qual o conteúdo resumido ganha estatuto de referente e é categorizado ou como pró-forma ou como rótulo; (b) o procedimento dêitico, pelo qual são orientados os focos de atenção dos interlocutores, por causa da presença de um dêitico; (c) a pressuposição do posicionamento do falante ou do destinatário na situação real de comunicação, também devido ao dêitico. Admite, sob esse prisma, que o único divisor de águas entre as anáforas encapsuladoras e os dêiticos discursivos é o acréscimo de um elemento dêitico.

Conte (2003, p. 177), na mesma perspectiva, conceitua o encapsulamento anafórico como: “[...] um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto”. O SN torna-se um novo referente, constituído a partir de uma informação velha e, desse modo, apresenta-se como um argumento de predicções posteriores. Nos casos em que o núcleo for elemento axiológico³, tem-se um forte meio de manifestação da opinião do autor, bem como de manipulação do leitor. Ademais, o encapsulamento anafórico opera como recurso de integração semântica, na medida em que realiza a sumarização de uma porção textual precedente. Em outras palavras, a nova expressão referencial funciona como um rótulo que interpreta uma porção precedente e, ao mesmo tempo, inicia uma nova. Deve-se, ainda, mencionar que o encapsulamento anafórico pode também resultar na atribuição de força ilocucionária a algum enunciado (CONTE, 2003, p.188). Tem-se, portanto, que o encapsulamento anafórico, além de relacionar-se aos conteúdos do texto, pode também resultar na categorização e na hipostasiação de atos de fala e de funções argumentativas no discurso, ou seja, operar no nível das unidades pragmático-discursivas, como argumenta Conte (2003).

4 Análises

Conforme previsto, seguem listados os trechos dos textos selecionados nos quais há ocorrência de encapsulamento anafórico. O texto (1) trata do processo de mecanização da colheita dos cafezais no município de Itabela, localizado no extremo sul da Bahia. Apresenta um encapsulamento no trecho em que sugere uma alternativa para questão que se instaurou entre cafeicultores e trabalhadores.

(I) *Enfim, com a lei em vigor, os produtores investiriam mais no cultivo do café, devido às credibilidades adquiridas, o que acarretaria uma demanda maior de colhedores. Dessa forma, daria par associar as duas formas de colheita, se vivêssemos apenas em mais uma região explorada e invadida pelas colhedoras, que expulsam dos cafezais seus habituais colhedores.*

O trecho apresenta ocorrência de encapsulamento, cujo sintagma nominal aparece formado pelo núcleo “forma”, acompanhado de um determinante demonstrativo (“dessa”) que, por ser intrinsecamente dêitico, apresenta ou focaliza um objeto textual ao leitor, isto é, instrui acerca do antecedente da expressão anafórica.

O texto (2) trata do destino dado ao lixo em Curitiba, cidade conhecida como a mais sustentável do mundo. A cidade e outros catorze municípios próximos produzem diariamente mais de 2.400 toneladas de lixo que eram, até o final de 2008, depositados no aterro do

³ Axiologia é o estudo de alguma espécie de valor, sobretudo de valores morais.

Caximba. Para reduzir o envio de lixo para o Caximba, havia muitos lixões clandestinos que causavam inúmeros transtornos. Um novo Centro de Gerenciamento de Resíduos foi preparado, então, na região metropolitana.

(II) *Uma das possíveis soluções para esse problema não só local, mas global, seria a implantação de usinas para a separação do lixo orgânico do lixo reciclável, dando-lhes assim os devidos procedimentos de tratamento, como a reciclagem do lixo inorgânico e a incineração do lixo orgânico, para que este vire adubo, que irá beneficiar as plantações de pequenos agricultores da nossa cidade e região metropolitana.*

A expressão anafórica constitui-se de um sintagma nominal mais determinante (“esse problema”) e os modificadores *local* e *global*. Nesse caso, tem-se uma operação cognitiva e emotiva do falante (CONTE, 2003, p. 182), realizada por meio de um encapsulamento com nome avaliativo que veicula a informação velha e, simultaneamente, instaura um novo objeto de discurso, considerando-se que o item lexical *problema* não ocorreu anteriormente. O novo referente discursivo passa, então, a ser argumento de predicções futuras. Afirmar que se trata de um problema *global* imprime força argumentativa ao encapsulamento, uma vez que impele a mobilização de soluções urgentes. Há, nos casos em que o encapsulador é um nome axiológico, preferência por determinantes demonstrativos dada a afinidade entre os demonstrativos e os termos avaliativos, a fim de enfatizar que a avaliação realizada está presa ao contexto. A organização no discurso se dá, portanto, pelo encapsulamento com potencialidade argumentativa, que rotula a porção retomada, segundo os propósitos comunicativos.

O texto (4) trata da construção de um presídio em Alvorada do Oeste – RO. A maior parte da população contesta a obra por questões de segurança e por acreditar que se trata de um investimento inviável, considerando-se as necessidades prementes que muitos cidadãos enfrentam.

(III) *Precisa-se estimular a economia do município. O prefeito disse que o valor destinado à obra é de 20 milhões. Existem moradores na cidade que vivem em situações desumanas, passam fome, não têm moradias decentes. São faces da população que muitos desconhecem, outros fingem que não veem essa situação.*

A expressão “essa situação” retoma a porção precedente, a saber, a lista de problemas por que passam os moradores do município, ou seja, instaura um referente abstrato. Os aspectos da pobreza dos cidadãos são recategorizados como “essa situação”. O novo referente atua como ponto nodal no discurso argumentativo, responsável pela coesão e, ao mesmo tempo, pela apreciação do locutor. Considera-se, aqui, a premissa de que as escolhas lexicais e semânticas de um texto são de responsabilidade do locutor, o que possibilita depreender que são sempre impregnadas de impressões, opções interessadas e comprometidas com o propósito comunicativo. No caso em foco, pode-se inferir a apreciação negativa dos fatos. Nesse prisma, cumpre reiterar que “referir não é mais uma atividade de ‘etiquetar’ um mundo existente e judicialmente designado, mas sim uma atividade discursiva de tal modo que os referentes passam a ser objetos de discurso [...] é uma construção da relação do indivíduo com a realidade” (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p. 173). Em outras palavras, a organização remissiva do texto orienta a leitura.

Ademais, configura-se um caso definido por Cavalcante (2003) como anáfora encapsuladora com dêitico, ou dêitico discursivo, que pode manifestar-se por pronomes

demonstrativos ou por sintagmas nominais. Esse mecanismo permite, a um só tempo, conferir estatuto de referente ao conteúdo resumido como rótulo, orientar o foco de atenção do leitor e pressupor o posicionamento do falante ou do destinatário na situação real de comunicação.

O texto (30) discorre acerca das enchentes que assolaram o município gaúcho chamado Pântano Grande. O enunciador discute se o poder público é o único culpado pelas catástrofes ou se os cidadãos também são responsáveis. Há, no texto, várias ocorrências de encapsulamentos, algumas das quais em um único trecho, conforme segue apresentado.

(IV) *Moro em um pequeno município gaúcho chamado Pântano Grande, que possui apenas cerca de 12.000 habitantes. Acontece que, no ano passado, ele foi atingido por um surto de enchentes que colocou a todos em estado de alerta, além de provocar em alguns moradores um certo sentimento de revolta em relação à prefeitura que, até então, pouco havia feito para evitar tal calamidade. No entanto, isso acabou por gerar entre a população a seguinte dúvida: caberia apenas às autoridades a culpa das enchentes, ou seríamos nós, os cidadãos, os vilões dessa história?*

A primeira ocorrência de encapsulamento do trecho transcrito, constituída por determinante mais núcleo avaliativo (“tal calamidade”), ativa um referente abstrato, a saber, a concepção do locutor a respeito do fato mencionado na porção precedente, manifestada em um nome de forte apelo emocional, a saber, “calamidade”. A expressão encapsuladora torna-se ponto nodal do discurso argumentativo, responsável tanto pela coesão, quanto pela rotulação do tópico discursivo.

A segunda ocorrência configura uma anáfora encapsuladora com dêitico (“isso”), manifestada por demonstrativo, que confere estatuto de referente ao conteúdo resumido como pro-forma, orienta o foco de atenção do leitor e pressupõe o posicionamento do falante ou do destinatário na situação real de comunicação, conforme já mencionado.

A terceira ocorrência (“seguinte dúvida”) constitui-se de determinante e nome-núcleo. O termo *dúvida* remete ao conteúdo resumido, qualificando-o. Trata-se de incerteza a respeito de quem tem responsabilidade sobre o fato mencionado. O determinante, por sua vez, localiza o referente no texto, qual seja, o tópico do próximo enunciado. Desse modo, ganha importância na organização remissiva e progressiva do texto. Trata-se, então, de encapsulamento prospectivo.

A quarta ocorrência (“dessa história”), assim como a segunda, é uma anáfora encapsuladora com dêitico, agora constituída por sintagma nominal mais demonstrativo. O mecanismo rotula a porção resumida, além de orientar o foco de atenção do leitor e pressupor o posicionamento do falante ou do destinatário na situação comunicativa.

Ainda do texto (30), selecionamos outras três ocorrências.

(VI) [...] *Além disso, grande parte do povo diz condenar a prefeitura em razão da lentidão com que ela analisa esse caso, pois como se sabe, não é de hoje que os alagamentos acontecem. Por outro lado, os que são contrários a essa acusação garantem que esses acontecimentos não passam apenas de um reflexo das ações dos próprios pantanenses, ou seja, do desrespeito com que eles tratam o meio ambiente. Afirmam ainda que todos nós carregamos uma parcela de culpa nessa história, porque a cada lixo que não jogamos no lixo (e sim no chão) estamos contribuindo para que este se acumule em bueiros, entupa esgotos e*

atraia eventuais pragas e doenças à população. Logo, acreditam que, enquanto cometermos essas pequenas infrações contra a natureza, não apenas seremos os grandes culpados pelas tragédias já ocorridas, como também, os agentes causadores de futuros desastres ambientais.

Do meu ponto de vista, embora reprove a falta de agilidade da prefeitura em relação ao saneamento dos esgotos, gratifico-a pelo fato de realizar a coleta de lixo três vezes por semana no município um sinal de que busca garantir a qualidade do ambiente no qual vivemos. Porém, penso que Pântano Grande poderia precaver-se bem melhor se passassem a investir em novas alternativas como reciclagem do lixo e distribuição de mais lixeiras pelas ruas. Todavia, nenhuma dessas medidas administrativas equipara-se, em grau de importância, às modificações que devem ocorrer na mentalidade de todos nós, pantanenses.

A expressão encapsuladora “essa acusação”, apesar de constituir-se à semelhança de outras já analisadas, possui um traço específico: permite ao escritor atribuir uma força ilocucionária ao enunciado retomado. Essa categorização de um enunciado como um ato de fala particular – nesse caso, uma acusação – produz uma mudança para o nível metacomunicativo (CONTE, 2003, p. 188). Encapsula-se, aqui, uma unidade pragmático-discursiva.

A segunda ocorrência em destaque, por sua vez, constitui-se de nome-núcleo mais determinante e modificadores. O núcleo infrações, fortemente axiológico, encapsula o comportamento condenável socialmente de não dar ao lixo o destino correto. O acréscimo do modificador “pequenas” antecipa uma provável justificativa daqueles que praticam o ato condenável, posteriormente eleitos os “grandes” culpados pelo problema em discussão. Verifica-se, então, depois de extensa porção textual, a justificativa da recategorização realizada por meio do termo “pequenas infrações contra a natureza”. Todas as demais possíveis intervenções do poder público na questão aparecem rotuladas como “medidas administrativas”, expressão também constituída por um adjetivo axiológico e que, por força da argumentação, aparecem como inferiores frente à importância de não se cometer as tais *infrações* ditas *pequenas*. Tem-se, portanto, as anáforas encapsuladoras como pontos cruciais do texto, sobretudo no que se refere à estratégia argumentativa, isto é, na diretividade do dizer. Ocorrem no trecho outros encapsulamentos que não serão discutidos, uma vez que apresentam características já analisadas em fragmentos anteriores.

5 Considerações finais

Analisamos, neste trabalho, algumas ocorrências de anáforas encapsuladoras em artigos de opinião. Inicialmente, observamos a constituição dessas expressões e, em seguida, sua atuação como recurso coesivo e argumentativo. Verificamos que, ao tempo em que funcionam na organização textual, são também fortes elementos na tessitura da argumentação.

Apoiados nos autores da literatura da área, demonstramos que essas propriedades – integração semântica e potencialidade argumentativa – manifestam-se na medida em que se dá a instauração de novos objetos de discurso e veiculação de elementos axiológicos/avaliativos por força dos encapsulamentos de porções textuais. Isso equivale a dizer que, ao retomar um conteúdo precedente, as anáforas encapsuladoras ativam novos objetos de discurso, os quais vão se constituir pontos nodais responsáveis tanto pela coesão (mediante a progressão referencial) como pela manifestação dos propósitos comunicativos do produtor do texto. Importa destacar, ainda, a análise do encapsulamento de unidades

pragmático-discursivas, bem como dos casos nos quais as expressões encapsuladoras também comportavam dêiticos, isto é, correspondiam ao fenômeno da dêixis discursiva.

Consideramos, frente ao estudo empreendido, que a relação entre os processos de referenciação e argumentação é estreita e efetivada, essencialmente, pelas escolhas lexicais. De modo geral, os nomes nucleares, bem como seus determinantes e modificadores determinam o modo como o objeto de discurso é (re)categorizado. Esse procedimento é impregnado por impressões e avaliações pessoais, o que explica a imbricação entre referir e argumentar.

Por fim, acreditamos na importância de estudos dessa natureza como recurso para um ensino de língua materna orientado, em primeira instância, para o texto. Ademais, importa expandir entre os falantes/escreventes, em geral, a força do encapsulamento para a orientação do *dizer*. Isso porque a experiência de argumentar permite perceber que, para além da empolgação, convém, antes, realizar as escolhas lexicais mais adequadas.

Referências

CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, 2003.

_____. Anáfora e Dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore G. V.; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Cristina (Orgs). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

CONTE, Marie-Elisabeth. Encapsulamento Anafórico. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B. B e Ciulla, A. (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Ingedore G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore G. V.; MARCUSCHI, L. A.. Processos de referenciação na produção discursiva. In: *DELTA*, São Paulo, v. 14, n. especial, 1998.

MARCUSCHI, L.A. *Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras*. /Texto remetido para publicação nos anais do Congresso da CelSul. Curitiba, 2000./

MONDADA, L. e DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B. B e Ciulla, A. (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. de. *Metodologia do trabalho científico – Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.